



MARIADITA

SENEPOL

JAGUARIÚNA



Contrato de aluguel. IGP-M, IPCA e negociação amigável.



Esteja você assinando um contrato de aluguel pela primeira vez ou não, seja você inquilino ou proprietário, é comum que várias dúvidas surjam e dentre elas que é atualmente tema de discussões é o índice de reajuste de aluguel, tema que hoje vamos falar um pouco a respeito.

Pra começar é sabido que o principal indicador usado pelo mercado para o reajuste dos contratos de alugueis é o IGP-M, mas devido aos seus altos e baixos nos últimos tempos, o mercado vem se atentando ao IPCA, mas vale ressaltar que a possibilidade da negociação entre as partes principalmente no cenário atual que vivemos e estamos passando, é uma ótima alternativa.

Mas afinal, o que é IGP-M e IPCA?

O IGP-M (Índice Geral de Preços do Mercado), é um indicador que está atrelado a variação do câmbio (dólar) o que pode prejudicar tanto ao inquilino quanto ao proprietário conforme as suas alterações, exemplo ocorrido em 2017 quando foi negativo levando o preço do aluguel para baixo e recentemente em meados de 2020 o mesmo disparou assustando assim aos locatários ul-

trapassando os 30%! Vale dizer que é calculado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e seu resultado é composto por uma média aritmética ponderada entre outros três índices que também são aferidos pela FGV, que são o INCC (Índice Nacional do Custo da Construção), IPC (Índice de Preços ao Consumidor) e IPA (Índice de Preços por Atacado).

Já o IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo) é calculado pelo IBGE, e em sua composição é considerado o custo de vida de famílias que possuem renda de 01 a 40 salários mínimos em regiões metropolitanas do país. Este também é o índice que é utilizado pelo Banco Central para estipular a meta da nossa inflação.

Apesar de serem muito pouco utilizados existem também outros indicadores econômicos possíveis de servirem como base para o reajuste do seu contrato de aluguel e destaque entre eles o IPC (Índice de Preços ao Consumidor) e o INPC (Índice Nacional de Preço ao Consumidor).

A Lei do Inquilinato

E pra falar sobre con-

Dr. Caius Godoy (Dr. da Roça) agora aqui todas as semanas



Aos que ainda não me conhecem, meu nome é Caius Godoy, advogado e administrador de empresas com atuação exclusiva no agronegócio. De uma família de produtores rurais do interior de São Paulo, a querida Duartina, tento através do meu trabalho levar informações para dentro da porteira, sendo elas envolvendo o Direito, ou não. Hoje tenho escritório nas cidades de Campinas e Jaguariúna e com muito orgulho sou conhecido e chamado carinhosamente pelos meus amigos e clientes, como o Dr. da Roça. Espero que gostem da minha coluna semanalmente falando sobre o mundo agro e agradeço pela oportunidade do Grupo O Regional de comunicação.

E como sempre finalizo, tchaaau obrigado!!

trato de locação se faz necessário citarmos a da Lei do Inquilinato (Lei nº 8.245/91), que traz em seu texto todas as regras e condições para a elaboração do contrato.

Especificamente sobre reajuste encontramos no Art. 18 a garantia do proprietário de reajustar anualmente, mediante contrato, o valor do aluguel baseado em algum índice de inflação, devendo este incidir uma única vez ao ano, sempre na data de aniversário do contrato (essa data é a que contato foi assinado e não a data de vencimento do aluguel), sempre sobre o valor em reais, pois utilizar o valor do salário mínimo por exemplo é proibido.

Negociação Amigável e o Judiciário.

A negociação entre o proprietário e inquilino tem se mostrado uma prática muito comum buscan-

do se evitar prejuízos para ambas as partes, principalmente dentro do cenário de pandemia que estamos atravessando.

Existem diversas decisões em ações revisionais e entendimento do Tribunal de Justiça de São Paulo sobre o tema para a substituição do índice mais favorável ao inquilino, exaltando a onerosidade excessiva para uma das partes, e não se tratando apenas de uma reposição da moeda, mas vale ressaltar que cada caso é um caso a ser estudado para se obter a mudança da negociação inicial em razão de mudanças ocorridas, e sendo assim, a base econômica do contrato.

Dr. Caius Godoy (Dr. Da Roça) é sócio na AgroBox Agronegócios e Mariadita Senepol Jaguariúna.
e-mail: caius.godoy@mariaditasenepol.com.br

Arroz é alternativa viável para reduzir custos de produção de suínos e aves



Estudos da Embrapa Suínos e Aves (SC) mostram que, do ponto de vista nutricional, o arroz pode complementar ou substituir o milho na alimentação animal. A conclusão pode ser uma ótima notícia para os suinocultores e avicultores brasileiros que enfrentam os altos preços decorrentes da crescente valorização do milho e da soja. Paralelamente, o excesso de oferta de arroz no mercado nacional, com uma sobra de 600 a 800 mil toneladas na safra 2020/2021, reforça a viabilidade do grão para baratear as rações de suínos e aves, que atualmente respondem por cerca de 70% a 80% do custo de produção das duas atividades.

“A Embrapa já mostrou que o arroz descascado (arroz marrom), do ponto de vista nutricional, serve perfeitamente para complementar ou substituir o milho na alimentação animal”, afirma o pesquisador da Embrapa Suínos e Aves Jorge Vitor Ludke.

Já faz três anos que o milho e a soja têm influenciado o desempenho da suinocultura e avicultura, de acordo com dados da Central de Inteligência de Suínos e Aves da Embrapa Suínos e Aves (CIAS), que apura mensalmente o comportamento dos custos de produção nos dois setores. Para entender melhor como essa influência acontece na prática, basta observar a trajetória do preço das sacas de milho e soja. Segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), o preço médio real da saca de 60 quilos de milho passou de R\$ 50,11, em abril de 2019, para R\$ 97,15, em abril de 2021 - ou seja, um aumento de 93,9%. No mesmo período, a saca de soja encareceu 68,1%. Isso significa que os custos de produção da suinocultura e avicultura cresceram quase que na mesma proporção nos últimos três anos.

Essé movimento para cima nas cotações do milho e soja foi puxado pelas incertezas relacionadas à pandemia da Covid-19, valorização do dólar frente ao real, alta demanda por grãos no mercado asiático (principalmente o chinês) e quebras na primeira e segunda safras de milho devido a problemas climáticos e à cigarrinha-do-milho, segundo avaliação de um estudo da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) divulgado em julho de 2021. A última estimativa da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) é de que a produção total de milho na safra 2020/2021 chegará a 85 milhões, bem abaixo das 106 milhões de toneladas projetadas inicialmente. Assim, há a expectativa de que ocorra no curto prazo um déficit entre 15 e 20 milhões de toneladas de milho no mercado nacional.

Já o arroz vive situação oposta. Os arrozeiros gaúchos e catarinenses, responsáveis por 91% da produção brasileira, atingiram produtividade recorde e entregaram 8,5 milhões de toneladas na safra 2020/2021, a quarta maior da história. Porém, com a estabilização

do consumo no mercado interno e menores vendas para o exterior (especialmente para a África) na comparação com 2020, sobrou arroz no País. “O arroz é um grão que tem como prioridade a alimentação humana e vai continuar sendo assim. Mas agora existe um excedente e a alimentação animal é uma alternativa”, explica Rodrigo Ramos Rizzo, engenheiro agrícola e assessor especial da presidência da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul).

Problema para um, solução para outro

O problema de um setor, então, virou possibilidade de amenizar a situação do outro. Segundo Rodrigo Rizzo, já há contratos de venda de arroz em casca ou quítera de arroz entre produtores e produtores de carne de frango e carne suína no Rio Grande do Sul. No entanto, o que vai definir a extensão do uso do arroz como alimento alternativo nas rações animais será a comparação da sua cotação com a do milho na hora da compra. Levando em consideração as cotações de outubro, cada quilo de milho para uso na alimentação animal, na média, ficou em R\$ 1,50, enquanto o arroz chegou a R\$ 1,82 (arroz marrom).

Assim, a utilização do excedente de arroz na alimentação de suínos e aves depende muito do custo do frete. “É por isso que o uso do arroz como alimento alternativo compensa, na prática, somente em lugares que poderão contar com uma grande vantagem logística”, ressalta o pesquisador Jorge Ludke. A região Sul se encaixa nessa lógica. Ela é a que apresenta o maior déficit de grãos para suínos e aves e também a que concentra o excedente de arroz. Em média, uma saca de arroz percorre 500 km no Sul do Brasil para se transformar em ração animal. Já no caso do milho, que vem do Centro-Oeste majoritariamente, a distância sobe para cerca de 2.000 km (de Sinop, MT, a Chapecó, SC), o que representa um frete até 70% mais caro.

“A questão mais importante em torno do uso do arroz neste momento é, na verdade, reforçar o debate sobre a criação de mecanismos para tornar permanente a oferta de alimentos alternativos para a ração animal”, complementa o também pesquisador da Embrapa Suínos e Aves Dirceu Talamini, especialista em temas ligados ao custo de produção de suínos e aves. Ainda não há um retrato claro do quanto o arroz ajudará a reduzir os custos de produção na suinocultura e avicultura. Nem se as duas atividades consumirão todo o excedente de arroz. Já está certo, porém, que os três setores enfrentarão o restante de 2021 compartilhando preocupações e articulando sinergias.

Arroz é fonte de energia e bom para a qualidade da carcaça

Quando surgiu a ideia de encaminhar o excedente de arroz para a alimentação de suínos e

aves, a Embrapa foi chamada para responder sobre a viabilidade técnica dessa possibilidade. Não foi a primeira vez que isso aconteceu. No início dos anos 2010, por exemplo, houve uma situação parecida com a atual. Na época, a Embrapa Suínos e Aves publicou o comunicado técnico 503, escrito pelos pesquisadores Everton Luis Krabbe, Teresinha Marisa Bertol e Helenice Mazzuco, o qual mostrou que o arroz, além de apresentar um valor nutricional adequado para a alimentação de suínos e aves, oferece ainda efeitos positivos sobre a qualidade de carcaça.

Segundo o comunicado técnico da Embrapa, “considerando-se que o óleo de arroz apresenta um perfil de ácidos graxos com maior conteúdo de ácidos graxos saturados e monoinsaturados e menor conteúdo de poli-insaturados do que o milho, a tendência é a de que, com uma dieta à base de grãos de arroz polido-farelo de soja sejam produzidas carcaças com melhor perfil de ácidos graxos do que com uma dieta de milho-farelo de soja, ou seja com gordura mais firme”. O mesmo comunicado ressalva, no entanto, que o arroz reduz a pigmentação de gemas de ovos e da pele de aves, sem implicar em perda de valor nutricional para o consumidor. Essa questão pode ser resolvida com a adição de um pigmentante à ração.

O que a Embrapa recomendou no início dos anos 2010 continua valendo em 2021 (confira no gráfico 1 o comparativo entre milho e arroz no que diz respeito ao valor nutricional dos dois grãos). O arroz disponível atualmente para ser utilizado na alimentação de suínos e aves é, em sua maioria, o arroz marrom. Esse tipo de arroz tem valor nutricional superior ao arroz branco polido e aos quebrados de arroz (também chamados de quítera de arroz). Porém, o arroz marrom vem em casca, que precisa ser descartada. A casca apresenta baixíssimo valor nutricional, além de conter elevado teor de fibra e sílica, que agredem a mucosa intestinal dos animais, provocando perda de desempenho. “É preciso sublinhar que o arroz é um cereal com nível de proteína bruta muito próxima ao do milho, o que o transforma em uma excelente fonte de energia”, aponta o pesquisador Jorge Ludke.

Existem diferenças entre arroz marrom (apenas com a retirada da casca) e entre quítera de arroz e arroz polido do ponto de vista nutricional. Nesses dois últimos, a parte que seria o farelo de arroz integral não está mais presente. Outra questão importante é o fato de que o arroz apresenta um formato diferente do milho. Para que seja usado na alimentação de suínos é necessário que se façam ajustes específicos nas fábricas de rações. “A moagem precisa ser adaptada, com diferentes regulagens de peneiras. Mas esses ajustes não representam custos ou esforços significativos”, completa Jorge Ludke. No caso da produção de ração para aves, não é preciso fazer alterações.

Uso do arroz faz parte de debate maior

O uso do arroz na alimentação animal faz parte de um debate retomado recentemente a respeito de como garantir um fluxo contínuo de alimentos alternativos para a suinocultura e avicultura. A Embrapa tem sido uma das protagonistas dessa discussão que interessa especialmente a Região Sul, que vê todo ano o déficit de grãos para suínos e aves aumentar. “Temos colaborado nessa discussão apresentando nossas pesquisas que mostram como cereais de inverno podem ocupar áreas ociosas no Sul do país e gerar bons resultados para produtores de grãos e de proteína animal”, afirma a pesquisadora Teresinha Bertol, da Embrapa Suínos e Aves.

Pesquisas conjuntas desenvolvidas por equipes da Embrapa Trigo (RS) e Embrapa Suínos e Aves apontam que cereais de inverno (como trigo, aveia, centeio, cevada e triticale) podem ocupar cerca de

6 milhões de hectares em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Essas áreas ficam ociosas após a colheita de verão e poderiam estrategicamente ser usadas para regionalmente abastecer de grãos o mercado de proteína animal.

Segundo estudos da Embrapa, o trigo (foto ao lado) e o triticale são os grãos de inverno com maior potencial para substituir o milho e o farelo de soja nas dietas para suínos e aves. “São necessários ajustes nos níveis dos ingredientes que compõem as rações de forma a manter níveis equivalentes de nutrientes e de energia para atender às exigências dos animais em cada fase. Porém, o trigo e o triticale possuem viabilidade técnica e econômica e podem suprir parte significativa do déficit de milho no Sul do Brasil”, ressalta Teresinha Bertol.

Uma das cultivares da Embrapa que mostrou bom potencial para a composição de rações de suínos e aves foi o trigo BRS Tarumã. Com teor de proteína próximo a 18%, foi desenvolvido para a alimentação animal e atende há 20 anos o setor de bovinos. Outras variedades de trigo da Embrapa, como o BRS Pastoreio e o BRS Sanhaço, assim como as cultivares de triticale BRS Saturno e Embrapa 53, apresentaram menor conteúdo de energia do que o milho, o que aumenta a demanda por óleo nas rações.

Os pesquisadores da Embrapa destacam que o uso desses cereais pode ser economicamente mais vantajoso nas fases em que os animais apresentam menor demanda de energia, como, por exemplo, na gestação dos suínos. Já no caso do trigo BRS Tarumã, devido ao seu conteúdo de energia superior ao do milho e ao alto conteúdo de proteína, o uso é mais produtivo nas fases de crescimento e terminação, quando a exigência desses fatores é mais elevada.

Mobilização já rende ações importantes

O uso de cereais de inverno na produção de proteína animal não é novidade. Há muito que se discute como grãos adaptados aos meses mais frios podem contribuir na produção de suínos e aves. A diferença nesse momento é a mobilização que o tema despertou. Produtores, indústrias, pesquisadores, entidades representativas do setor produtivo e várias instâncias do poder público se uniram para encontrar uma maneira concreta de aproximar os interesses dos produtores de grãos das necessidades das indústrias de suínos e aves.

Pelo menos duas ações já se materializaram a partir da mobilização em torno dos cereais de inverno. O governo do estado de Santa Catarina, estado que é o maior importador de milho no Brasil, lançou em fevereiro de 2020 o Programa de Incentivo ao Plantio de Grãos de Inverno. O programa conta com o suporte técnico da Embrapa e da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri/SC), fornecimento de insumos e assistência técnica do setor cooperativista e aquisição dos grãos pelas indústrias de suínos e aves. “Não há dúvida da viabilidade técnica dos cereais de inverno. O que faltava era um modelo de negócio, que começou a surgir a partir de 2020”, lembra a pesquisadora Teresinha Bertol.

Outra iniciativa é o projeto Duas Safras no RS, parceria entre o sistema Farsul, Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar-RS) e Casa Rural, Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) e Embrapa. O Duas Safras, lançado em 2021, visa incentivar o uso das áreas ociosas no inverno e ainda costurar acordos com as indústrias de suínos e aves para garantir contratos de compra futura dos cereais produzidos nos meses frios. De acordo com o presidente da Farsul, Gedeão Pereira, o projeto já iniciou a mobilização para capacitar os produtores de grãos gaúchos interessados em trabalhar com os cereais de inverno.

Mapa amplia os períodos de vazio sanitário da soja para 2022



O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) publicou, nesta quinta-feira (3), a Portaria nº 516 que estabelece os períodos de vazio sanitário para cultura da soja que deverão ser seguidos pelos estados produtores em todo o

país durante o ano de 2022. Essa medida fitossanitária é uma das mais importantes para o controle da ferrugem asiática da soja, causada pelo fungo *Phakopsora pachyrhizi*.

O vazio sanitário é o período contínuo, de no mínimo 90 dias,

em que não pode plantar e nem manter vivas plantas de soja em qualquer fase de desenvolvimento na área determinada. O objetivo é reduzir ao máximo possível o inóculo da doença, minimizando os impactos negativos durante a safra seguinte.

"O vazio sanitário da soja é uma medida consolidada, que já vinha sendo adotada por 14 estados produtores de soja nos últimos anos. No entanto, para reforçar a sua importância e aumentar os seus efeitos, o Mapa ampliou sua abrangência para 21 unidades da federação, além de aumentar o período mínimo obrigatório de ausência de plantas semeadas ou voluntárias no campo de 60 para 90 dias", explica a coordenadora-geral de Proteção de Plantas, Graciane de Castro.

A soja é o principal produto de exportação brasileira, e atingiu, em 2021, uma produção de 134 milhões de toneladas, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A Ferrugem Asiática é considerada uma das mais severas doenças que incidem na cultura da soja, podendo ocorrer em qualquer estágio fenológico. Nas diversas regiões geográficas onde o fungo foi relatado em níveis epidêmicos, os danos variam de 10% a 90% da produção.

Programa Nacional de Controle da Ferrugem Asiática da Soja

Instituído pela Portaria nº 306/2021, o Programa Nacional de Controle da Ferrugem Asiática da Soja (PNCFS) visa o fortalecimento do sistema de produção agrícola da soja, congregando ações estratégicas de defesa sanitária vegetal com suporte da pesquisa agrícola e da assistência técnica na prevenção e controle da praga.

As ações no âmbito do programa são coordenadas pelo Ministério da Agricultura, mas a fiscalização e demais procedimentos são de competência dos estados.

Tecnologia emite alertas do avanço de doenças do algodão e da soja

A tecnologia está disponível para navegação gratuita em smartphone (Android e IOS) e em plataforma web

A Embrapa e a Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa) desenvolveram o Monitora Oeste, um sistema digital que envia ao celular alertas sobre o avanço de doenças como a ferrugem asiática e a mancha de ramulária, que atacam lavouras de algodão e soja, nas propriedades rurais do oeste baiano.

Agressivas, as enfermidades impactam a produtividade das propriedades agrícolas provocando perdas estimadas em 30%, na cotonicultura, e de até 80%, na sojicultura. Desenvolvida ao longo de dois anos, a tecnologia está disponível para navegação gratuita em smartphone (Android e IOS) e em plataforma web. Ao cadastrar-se, o usuário passa a receber informações sobre os focos e as condições climáticas favoráveis para a proliferação das doenças e para a dispersão dos esporos na região.

Dentro do aplicativo, o usuário encontrará sete funcionalidades: ocorrências e alertas; gráfico de ocorrências; mapa de ocorrências; armadilhas; mapa de armadilhas; favorabilidade e agrometeorologia. A tecnologia possibilita a aplicação de filtros, como espécie (doença), municípios, núcleos regionais e safra. A versão para Web traz ainda mais recursos, como o tipo de área em que a ocorrência foi registrada, a sobreposição de camadas e a geração e exportação de mapas em alta resolução.

Para o pesquisador da Embrapa Territorial Julio Bogiani, líder da equipe que desenvolveu o produto, o Monitora Oeste permitirá elevar a eficiência de controle das doenças, com a possibilidade de redução de custos e de impacto ambiental pelo menor número de aplicações de defensivos agrícolas. Ele explica que, atualmente, as aplicações dos fungicidas são calendarizadas. Em cada safra, são realizadas de oito a dez aplicações, com intervalos de 15 dias, período de duração residual do fungicida. "O sistema dá aos produtores as melhores condições para a tomada de decisão de abrir mão ou de utilizar os defensivos agrícolas na época certa e na dose

correta. Com o direcionamento dos seus gastos, eles alcançarão uma economia muito boa", afirma o cientista.

A Abapa levará a tecnologia aos seus associados. Na visão de Luiz Carlos Bergamaschi, presidente da associação, o Monitora Oeste possui os elementos necessários para o incremento da produtividade do agricultor baiano. "A mancha de ramulária e a ferrugem da soja são potencialmente devastadoras, quando fora de controle, e de rápida disseminação. Ter a informação precisa e atualizada permite traçar estratégias mais eficazes de controle, com sustentabilidade. Isso traz maior rentabilidade e se alinha à nossa busca diária por sustentabilidade econômica, ambiental e social", disse.

O app e o WebGIS

No WebGIS o usuário encontrará mais filtros de pesquisa, como estágio (fase de vida da planta) e tipo de área onde se levantou o dado (área comercial, de experimento, de pesquisa ou manejadas por empresas ou por instituições de pesquisa). Poderá ainda identificar se os dados provêm da coleta de plantas voluntárias (que nascem sem o manejo humano, seja no meio da estrada ou na lavoura). Pela plataforma Web, também há a possibilidade de baixar as imagens em alta resolução e realizar a sobreposição de camadas.

Alertas

Os alertas emitidos pelo Monitora Oeste estão organizados em três níveis: ocorrências de doenças, condições climáticas favoráveis para as ocorrências e condições climáticas favoráveis para a dispersão de esporos no ar.

O primeiro nível mostra onde foram identificadas plantas infectadas. Os dados são expressos em mapas e gráficos. O levantamento das informações em campo segue o método tradicional de observação, com o monitoramento realizado por uma rede de colaboradores já atuante na região. As equipes são formadas por produtores locais, técnicos da Abapa, da Embrapa e de parceiros, que percorrem as lavouras dos municípios e dos núcleos regionais do oeste baiano, e

verificam se há a presença de doenças nas plantas.

Os núcleos regionais foram criados pela Abapa em seu programa fitossanitário. São zonas produtivas delimitadas com o intuito de facilitar o trabalho de monitoramento das lavouras, tendo em vista a vasta extensão dos municípios do oeste baiano. Cada um dos 16 núcleos possui uma equipe própria responsável por rondar as propriedades agrícolas. Ao identificar focos das doenças, eles fazem o registro e lançam no sistema, chegando ao celular do usuário instantaneamente.

Essa celeridade é um dos diferenciais do Monitora Oeste, ressaltou Antônio Carlos, responsável pelo programa fitossanitário da Abapa. "O produtor precisa ser informado acerca dos problemas que ocorrem nas suas propriedades, em tempo hábil, seja no caso de ocorrência de pragas, doenças ou incidência de plantas daninhas resistentes aos herbicidas, entre outros eventos percebidos na lavoura", afirma.

Como observa Bogiani, um número significativo de notificações de ocorrências nas proximidades das plantações são sinais da iminência de um enfrentamento. De posse dessas informações, os agricultores do núcleo regional podem planejar ações sincronizadas de defesa.

Além da Abapa e da Embrapa, a rede de colaboradores é formada por profissionais da Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab), da Fundação Bahia, da Associação de Agricultores Irrigantes da Bahia (Aiba) e de algumas consultorias. A cada ano, a equipe receberá capacitações pela Embrapa no uso do sistema.

Os outros alertas

Outro nível de alerta enviado pelo Monitora Oeste aponta se as condições climáticas estão favoráveis para o surgimento e para o desenvolvimento das doenças. O filtro "favorabilidade" mostra sobre o mapa se existe alto ou baixo risco de proliferação dos agentes causadores da mancha de ramulária e da ferrugem asiática pelas plantações de acordo com as condições do clima. Para esse nível de alerta, o aplicativo utiliza o banco de dados das estações meteorológicas do Ins-

tituto Nacional de Meteorologia (Inmet), com atualização diária e em tempo real.

O fitopatologista da Embrapa Algodão Fabiano Perina explica que há dois fatores ambientais relevantes para a infecção dos fungos: umidade e molhamento das folhas. Mas, ele ressalta, para que os esporos obtenham sucesso na dispersão pela região, é necessário haver tempo seco. Ele destaca que essas condições climáticas são encontradas no Cerrado baiano, com dias mais secos e noites úmidas.

O sistema também reúne dados da presença de esporos na região a partir de 44 armadilhas georreferenciadas, distribuídas pelos núcleos regionais. Quanto mais pontos de coletas, maior a precisão das informações, explica Perina.

Semanalmente, uma equipe coleta as lâminas das armadilhas e levam-nas ao laboratório para análise. Perina classifica como proativo esse monitoramento e destaca a relevância dessa informação para o produtor. "Essas partículas caem na lavoura e, se houver condições favoráveis, elas podem germinar e infectar a planta", explica.

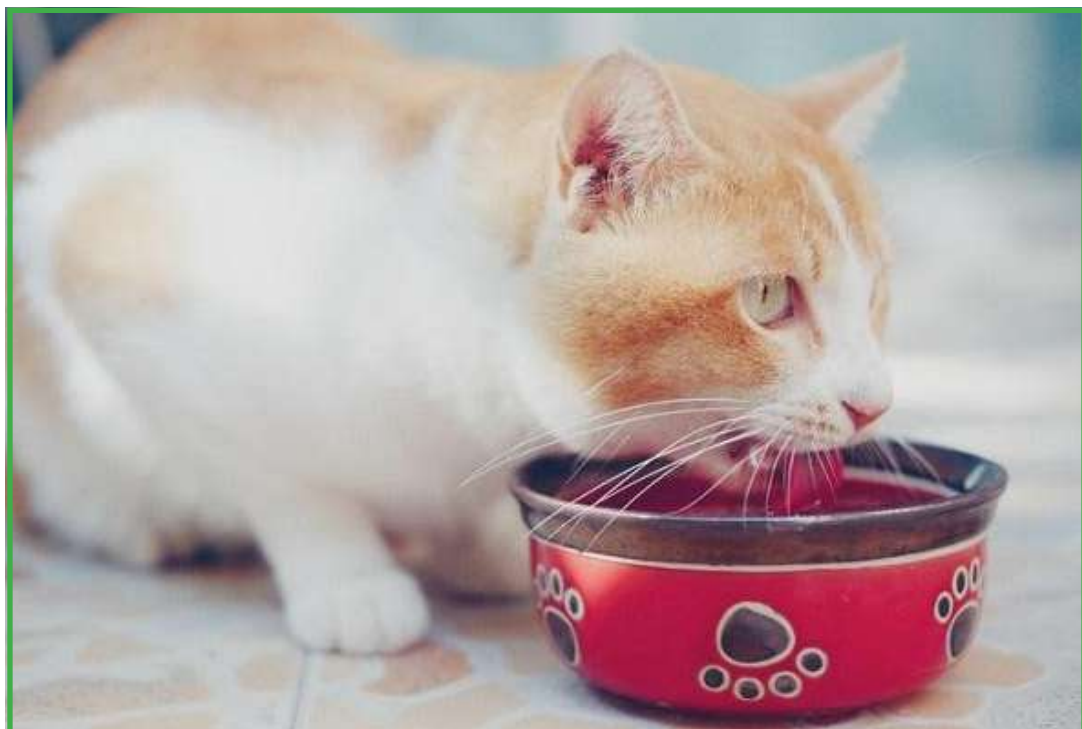
Dentro do sistema, os mapas das armadilhas são sobrepostos ao mapa da favorabilidade climática, facilitando ao usuário compreender o risco de disseminação.

Índices agrometeorológicos

Além dos dados de alerta, o Monitora Oeste traz vários índices agrometeorológicos da região: albedo, biomassa, NDVI, evapotranspiração e produtividade da água. O produtor poderá fazer cruzamentos de camadas para obter informações estratégicas de seu talhão. Essas buscas podem ser salvas na ferramenta, gerar um banco de dados capaz de revelar a dinâmica temporal da produtividade do terreno ao longo das safras. "São funcionalidades que terão uma rica informação agregada futuramente", acredita Bogiani. O sistema também poderá incluir futuramente informações complementares, como vazio sanitário da cultura, dados do consórcio de ferrugem, eficiência de fungicidas, entre outros.

DICAS DO MUNDO PET

8 dicas para seu gato beber mais água nesse verão



Os gatos não costumam beber muita água naturalmente, e essa particularidade ocorre principalmente porque eles costumam obter nas suas presas (caças) a quantidade de água suficiente para o seu organismo.

Como a maioria dos nossos gatos se alimentam de ração seca, e essa possui um teor muito baixo de água, precisamos diariamente estimular a ingestão hídrica deles de variadas maneiras, a fim de evitar problemas de saúde. A seguir, veja oito dicas para o seu gato beber mais água nesse verão!

E como fazer para meu gato beber mais água?

1- Aumente a quantidade de alimento úmido

Quando falo de dieta úmida comercial, me refiro aos sachês, patês e caldos desenvolvidos especialmente para os felinos.

Se o seu gatinho é aquele que ama lamber o caldinho, outra dica é colocar um pouco de água dentro do

sachê e deixá-lo mais diluído.

Alimentos 100% naturais também possuem mais água, e a escolha entre os dois tipos de dieta (natural ou comercial), vai depender do estilo de vida que você quer escolher para o seu pet. O importante é que ambas tenham todos os ingredientes minuciosamente balanceados e de qualidade.

Oferecer esse tipo de alimento vai deixar o seu gato mais hidratado e também mais feliz, já que a maioria tem atração pela dieta úmida.

2- Aumente a quantidade de potes de água

Gatos são animais extremamente curiosos, só o fato de você colocar um pote de água novo em um cômodo novo, já pode estimular o aumento do consumo de água, também.

O número mínimo de potes é sempre o número de gatos +1, ou seja, se você tiver três gatos, o ideal é ter quatro potes, e todos colocados em lugares diferentes do território, para evitar conflitos entre eles.

Quanto mais pontos de água

espalhados por vários cômodos, melhor!!!

3- Coloque vários tipos de potes de água

As pessoas sempre me perguntam qual é o melhor pote para colocar água, e a resposta é: depende! Assim como o ser humano, o gato também é único e tem preferências diferentes.

A grande maioria prefere potes mais rasos, porque bater os bigodes na lateral dos potes pode incomodar. Mas isso não é uma regra.

Ofereça potes de tamanhos, profundidade, formatos e materiais diferentes. Cerâmica, louça, vidro, alumínio e inox costumam deixar a água mais fresca.

Dê as opções para o bichano e deixe que ele eleja o(s) seu(s) favorito(s).

4- Fonte de água corrente

Estar em contato com a água corrente é muito natural para os gatos, e costuma ser mais um atrativo para estimular o consumo.

Assim como os gatos têm preferências variadas pelos potes de água, eles também podem ter preferências pelas fontes.

Para nos auxiliar nesse problema, o "mercado pet" nos oferece uma grande variedade de fontes, de formatos e materiais variados.

Colocar uma ou mais fontes de água corrente vai trazer mais bem-estar ao seu gato e também vai melhorar o enriquecimento ambiental da sua casa.

5- Água separada da ração

Tanto os potes de água quanto as fontes devem sempre ficar o mais longe possível dos potes de ração e jamais devem estar próximas das caixas de areia.

Os felinos são extremamente higiênicos e metódicos, fora que eles possuem um olfato em média vinte vezes mais potente que o nosso. Então, deixar a ração muito próxima da água pode passar a impressão que

essa água está suja ou contaminada.

Por esse motivo, tente colocar a água em locais de fácil acesso e em cômodos que o gatinho gosta de frequentar.

6- Trocar a água com frequência é fundamental para o gato beber mais água

Quem aqui gosta de beber água suja ou velha? Ninguém, né? Então por que os gatos gostariam?

Assim como nós, os gatos também amam água limpa e fresca, e trocar essa água com frequência (no mínimo uma vez ao dia) é uma necessidade básica – não um capricho.

Lavar os potes diariamente também é necessário, principalmente para evitar o acúmulo de sujeiras como pelos, restos de ração que podem cair da boca e bactérias.

7- Cubos gelo

O calor já chegou em muitas cidades do Brasil, e com ele o tempo seco (dependendo da região em que você mora) e as altas temperaturas podem diminuir o bem-estar dos gatos e até comprometer a sua saúde.

Uma dica bacana para refrescar a água dos felinos é colocar cubos de gelo nos potes. O gelo não só vai deixar a água mais fresca, como pode servir de distração e brincadeira para eles.

8- Água saborizada

Se o seu gatinho é fã de algumas ervinhas aromáticas como hortelã, alecrim e catnip, uma sugestão é colocá-las dentro de um potinho de água.

Além de servir mais uma vez como uma ferramenta de enriquecimento ambiental, a água saborizada pode estimular também o consumo de líquidos.

Mais uma vez quero enfatizar que os gatos são únicos, com gostos e preferências variadas, e a melhor forma de descobrir qual a maneira mais atrativa para o seu gato beber mais água, é oferecendo várias opções diferentes para ele escolher.

Encontrei pulgas/ carrapatos no meu pet. E agora?

Já dá uma coceira só de imaginar um parasita grudado na nossa pele, né? Infelizmente, todos os cachorros e gatos, sem exceção, estão sujeitos a infestações de pulgas e carrapatos, ainda mais no verão. Se o seu pet tem contato com outros animais, frequenta praças, parques ou até mesmo pet shops saiba que a chance de você lidar com esses visitantes indigestos é ainda maior.

É pra completar, ainda trazemos mais uma notícia: por mais que seu pet não saia de casa, não é raro que nós acabemos trazendo alguns parasitas para casa em nossos sapatos e roupas, por exemplo.

Mas, afinal, o que fazer em caso encontre pulgas e/ ou carrapatos no pet? Posso retirá-los com as próprias mãos? Qual é o procedimento mais adequado para garantir que o peludo não sofra ainda mais com o problema? Calma que nós vamos te ajudar!

Encontrei carrapatos no meu pet, e agora?

Retirar o carrapato com as próprias mãos é a primeira reação de muita gente ao encontrar o parasita grudado na pele do pet. Essa atitude até parece ser a mais correta possível, afinal, não podemos deixar o carrapato ali sugando o sangue do pet, certo?

Na verdade, não! Você não deve retirar os carrapatos diretamente da pele do seu cachorro ou gato! Sabemos o quanto é difícil encontrar um parasita no seu pet, mas não entre em desespero. Arrancar o carrapato de qualquer jeito pode causar inflamações na pele do seu pet, gerando, assim, mais problemas além da infestação.

Além disso, é bem provável que,

ao tentar remover o carrapato, fixem as pequenas "garras" presas à pele do pet, prolongando a irritação, causando ainda mais coceira e até feridas, dependendo da gravidade.

O ideal é buscar ajuda de um médico-veterinário de confiança. Assim, o profissional poderá fazer uma busca detalhada no pet e iniciar o tratamento mais eficaz de acordo com o quadro apresentado. Além disso, como o parasita pode trazer outras doenças, fazer um check-up é bastante importante.

E no caso das pulgas?

No caso das pulgas, a mesma recomendação... também não é indicado que você as tire da pele do pet com as próprias mãos. O único método eficaz para eliminar esses parasitas insuportáveis é utilizando os antipulgas – com recomendação de um médico-veterinário, é claro!

É vale lembrar que apenas 5% das pulgas costumam ficar nos pets. O restante, em diferentes fases, fica no ambiente, ou seja, na sua casa, no quintal, em frestas, rodapés, camas etc.

Apesar de atribuímos as doenças em pets normalmente aos carrapatos, aqui vai mais uma notícia: as pulgas também podem transmitir ou colaborar com doenças em cães e gatos, incluindo verminoses e alguns tipos de anemia.

Como tratar infestação de pulgas e carrapatos

Como a gente disse no começo desse post, todos os pets podem pegar pulgas e/ ou carrapatos em algum momento da vida. Mas, por sorte, existem alguns excelentes produtos para a prevenção desses



hóspedes antipáticos.

Basicamente, não basta aplicar o produto para pulgas e carrapatos no pet, também é necessário tratar o ambiente onde o peludo passa a

maior parte do tempo. Dessa maneira, são exterminados os ovos, larvas, pupas e as pulgas adultas, assim, garantindo que o pet fique livre desses visitantes indigestos.